

O tempo despendido e os recursos utilizados pelos professores na preparação das atividades de ensino

*Para preparar as aulas os professores
têm de ter uma vida própria – e já não têm.*

José Gil



Adalberto Dias de Carvalho
Nuno Fadigas

ORE – Observatório dos Recursos Educativos

Setembro de 2018

Sumário executivo

O estudo *O tempo despendido e os recursos utilizados pelos professores na preparação das atividades de ensino* é da responsabilidade do ORE – Observatório dos Recursos Educativos, coordenado pelo Professor Adalberto Dias de Carvalho.

Considerando o atual contexto educativo, é fundamental compreender-se como é utilizado o tempo disponível pelo professor e quais os recursos educativos utilizados na sua atividade.

O estudo tem por base um inquérito realizado nos primeiros meses de 2018 junto de professores dos ensinos básico e secundário, do 1.º ao 12.º ano de escolaridade, ao qual responderam 4590 docentes. A representatividade desta amostra é particularmente significativa, estando em linha com estudos recentes realizados por outras instituições: é composta por 79% de mulheres e 21% de homens; 50% dos respondentes tem mais de 50 anos; cerca de 70% leciona há mais de duas décadas; e a maioria dos inquiridos leciona nos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico.

Os resultados obtidos permitiram constatar a existência de uma sobrecarga de trabalho a afetar a atividade docente, sendo de realçar que o tempo não letivo legalmente previsto é considerado insuficiente por 97% dos professores. Esse tempo destina-se à execução de tarefas fundamentais para a docência, como a preparação de aulas, elaboração e correção de testes, etc., sendo que 63% dos inquiridos afirmou precisar de mais de 5 horas semanais para esse efeito.

Paralelamente, este estudo evidencia a importância e o impacto positivo do manual escolar no apoio à docência (84,59%), reforçada pela complementaridade dos cadernos de atividades/exercícios (67,01%). A abordagem organizada e adequada que o manual escolar proporciona ao respetivo programa curricular é valorizada pelos professores, pois permite otimizar o pouco tempo de que dispõem para o planeamento e preparação dos momentos letivos.

As características apresentadas pelos manuais escolares, que promovem a implementação de estratégias diversificadas e orientadoras, fazem com que os professores considerem estes recursos como instrumentos mediadores na relação com os alunos, sendo utilizados nas aulas por 97% dos inquiridos com muitíssima frequência e 79,54% recomenda-os muitas vezes ou mesmo sempre aos alunos para a realização dos trabalhos.

De sublinhar que os professores valorizam os instrumentos de avaliação acessórios aos projetos editoriais escolares, como testes de avaliação, exercícios e fichas formativas.

Por fim, de referir que o recurso a estratégias associadas ao manual escolar como, por exemplo, a proposta de atividades de extensão do conhecimento, podem ser penalizadas em face da extensão dos programas curriculares.

Índice

1. Âmbito e pressupostos
2. Características da amostra
3. Em que gastam os professores o tempo que (não) têm
4. Os recursos de que dispõem e quais os mais importantes
5. Conclusões

1. Âmbito e pressupostos

Que tempo é atribuído aos professores e quanto tempo realmente despendem para assegurar a adequada preparação da sua atividade letiva? De que recursos e condições dispõem para o efeito e quais os que melhor apoiam o seu trabalho?

Perante a emergência de constantes desafios e exigências que se colocam no contexto educativo, são crescentes os alertas quanto à sobrecarga do trabalho dos professores, a par da imprescindível aferição dos recursos disponíveis para apoio à docência.

José Gil escreveu um dia que *“se não se souber o número de horas e a qualidade do tempo de que um docente precisa para preparar as lições, podemos criar uma carga horária esmagadora e deprimente. E nunca obter uma docência de excelência. Para preparar as aulas os professores têm de ter uma vida própria — e já não têm”*.

Assim, no momento em que se inicia o alargamento do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular anunciado para o ano letivo 2018/19, o qual naturalmente terá impacto no quotidiano dos professores, o **ORE – Observatório dos Recursos Educativos** divulga o estudo *O tempo despendido e os recursos utilizados pelos professores na preparação das atividades de ensino*, resultante de um inquérito junto dos professores dos ensinos básico e secundário para recolher dados objetivos que permitam responder às perguntas acima enunciadas.

O estudo que agora se apresenta vai ajudar a esclarecer os políticos, a comunicação social e a opinião pública em geral sobre as exigências e as dificuldades que, a um tal propósito, os professores têm de enfrentar no seu quotidiano. Estudo tanto mais importante quanto parece haver uma frente invisível do trabalho dos professores, seja em casa, seja na própria escola, o que pode traduzir-se numa incompreensão quanto à dimensão e exigências inerentes às suas tarefas, aspeto que suscitará uma indevida – e injusta – desvalorização das mesmas.

Ao mesmo tempo, este estudo faz luz sobre os recursos educativos mais utilizados e mais valorizados pelos professores, quer na perspetiva do apoio à docência quer a pensar no sucesso das aprendizagens dos alunos.

Para o efeito, foi enviado, por email, a professores do ensino não superior – do 1.º ao 12.º ano de escolaridade –, um inquérito por questionário precisamente sobre o tema da ocupação do seu tempo em tarefas de preparação das aulas e implícitos recursos mobilizados, a que responderam 4590 docentes.

A forma utilizada para disponibilização de um inquérito por questionário proporcionou uma amostra aleatoriamente construída, em função, portanto, dos inquiridos que acederam responder.

2. Características da amostra

Um dos aspetos mais sólidos deste estudo é a efetiva representatividade da amostra em relação ao universo em análise, o que valoriza sobremaneira os resultados do inquérito e as conclusões extraídas.

Desde logo, verifica-se que a percentagem de mulheres que respondeu foi significativamente maior do que a referente aos homens: cerca de 79% de mulheres e de 21% de homens (gráfico 1). Estes valores seguem de perto um estudo recente do Eurostat, com dados de 2013 e divulgado em 2015, o qual regista que em Portugal, em todos os níveis de ensino não superior, a classe docente é composta por 70% de mulheres e 30% de homens.

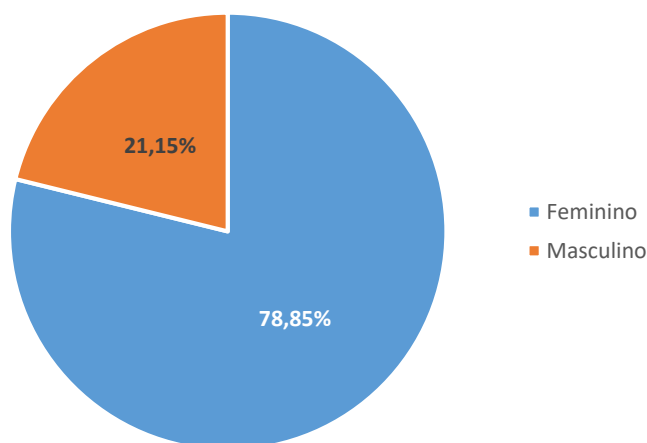


Gráfico 1 > Distribuição de género.

Constata-se, também, que a esmagadora maioria dos respondentes (cerca de 82%) tem entre 40 e 59 anos (gráfico 2). No referido estudo da União Europeia é afirmado que 32,4% dos professores têm mais de 50 anos. Na amostra em estudo, este valor sobe para cerca de 50%, o que nos faz pensar que temos uma população docente mais envelhecida.

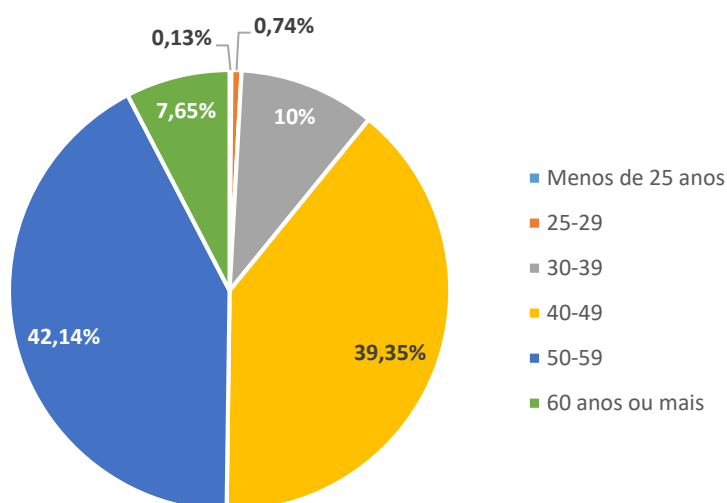


Gráfico 2 > Distribuição etária.

Outra evidência: cerca de 86% dos inquiridos estão na carreira, em QE (quadro de escola) ou QZP (quadro de zona pedagógica), conforme se verifica no gráfico 3, facto que está perfeitamente alinhado com a redução de contratações de docentes registada nos últimos anos no ensino público não superior.

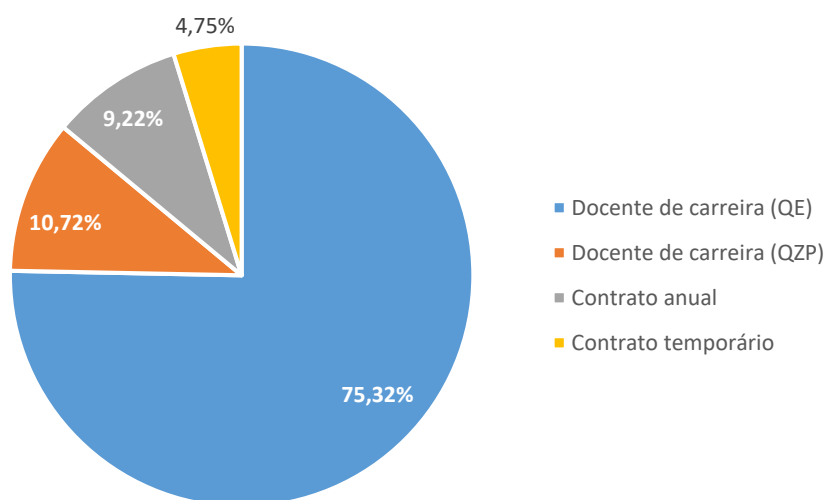


Gráfico 3 > Tipo de vínculo.

A amostra permite, ainda, perceber que a maioria dos professores inquiridos, cerca de 64%, está a lecionar no ensino básico e apenas 36% no ensino secundário (gráfico 4), o que é inteiramente consentâneo com a existência de um muito maior número de turmas no ensino básico do que no ensino secundário.

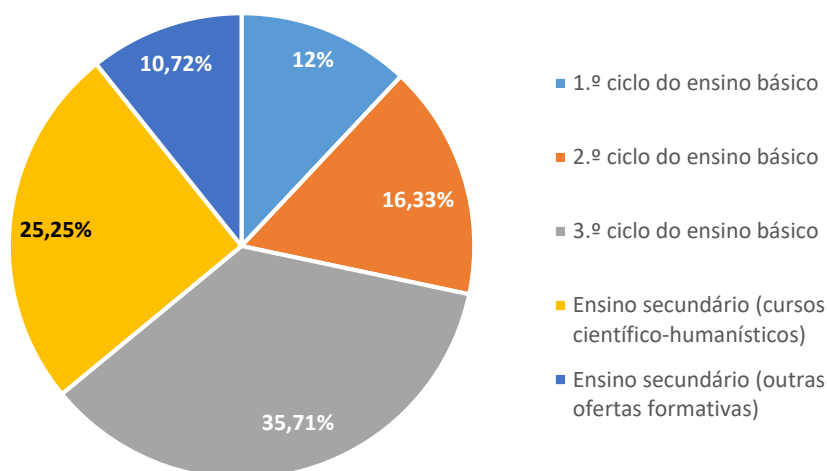


Gráfico 4 > Número de professores por nível de ensino.

Por outro lado, a maioria dos inquiridos leciona disciplinas como o Português e a Matemática, nos diferentes níveis de ensino, seguindo-se as Ciências Naturais e a História e Geografia de Portugal, no 2.º Ciclo, e as Ciências Naturais e a Físico-Química, no 3.º Ciclo, factos que reforçam a representatividade da amostra: a Matemática e o Português são as disciplinas com maior número de horas de leção e extensivas a praticamente todos os anos de escolaridade e à generalidade das ofertas formativas.

Registe-se, também, que a grande maioria dos professores inquiridos (cerca de 70%) leciona há mais de 20 anos e que é cada vez menor a amostra com menos anos de docência, o que está alinhado com o crescente envelhecimento da classe docente a que já se fez referência.

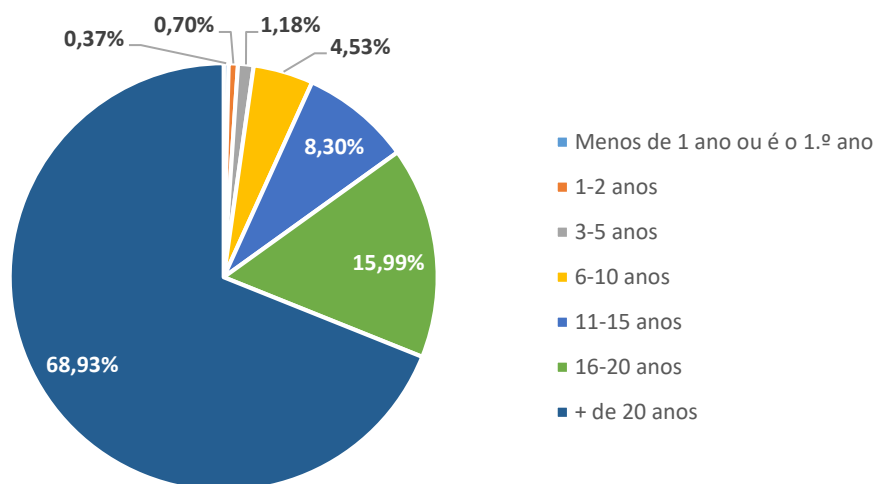


Gráfico 5 > Número de anos de docência.

Não obstante a maioria dos professores inquiridos lecionar há bastantes anos (mais de 20 anos) e ter idades maioritariamente acima dos 50 anos, cerca de 60% têm 20 ou mais horas letivas semanais, chegando alguns às 24 e 25 horas (neste caso, mais de 12% dos inquiridos).

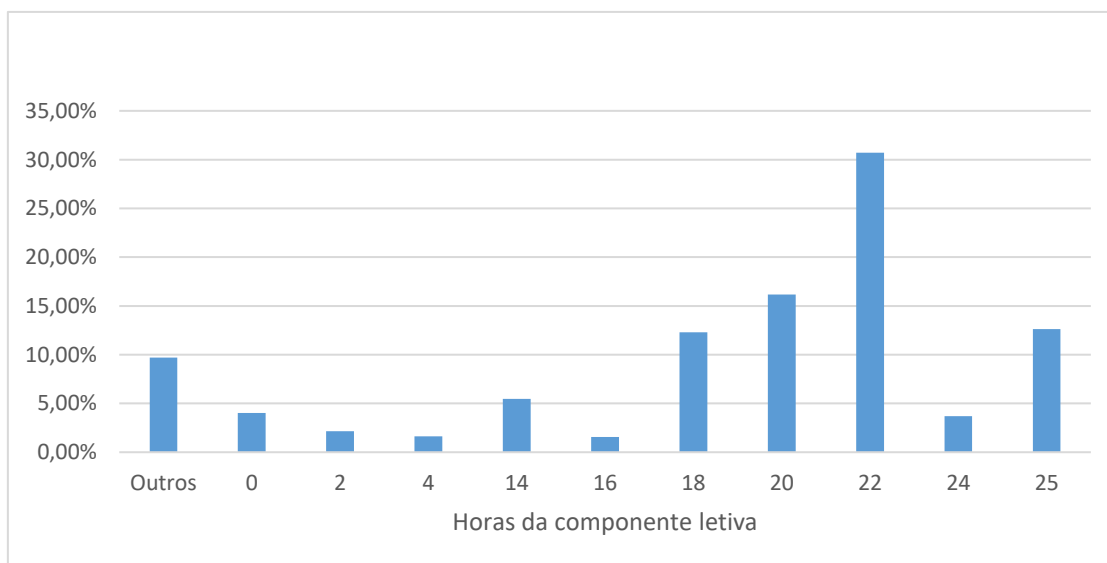


Gráfico 6 > Número de horas da componente letiva.

Em síntese, os dados apresentados reforçam a representatividade da amostra, ainda que obtida aleatoriamente, o que confere um valor bastante significativo ao estudo, para o qual contribui também a circunstância de as respostas da maioria dos inquiridos estarem sustentadas numa longa experiência de docência.

3. Em que gastam os professores o tempo que (não) têm

Considerar, implícita ou explicitamente, que o trabalho dos professores se circunscreve ao tempo na sala de aula constitui um erro grave de avaliação. Na verdade, conforme se constata, há várias outras tarefas fundamentais, antes e depois das aulas, que consomem tempo, inclusive para lá dos muros da escola.

O que este estudo mostra é que, no exercício da atividade docente, a correção de testes e a preparação das aulas são as tarefas que requerem mais tempo extraletivo aos professores, seguidas pela elaboração de testes, coordenação/participação em projetos da escola e formação contínua.

Importa sublinhar que as horas não letivas que os professores têm legalmente previstas para preparar aulas, corrigir testes, etc., não são pelos mesmos consideradas suficientes. É o que precisamente afirma a esmagadora maioria dos inquiridos: cerca de 97% (gráfico 7).

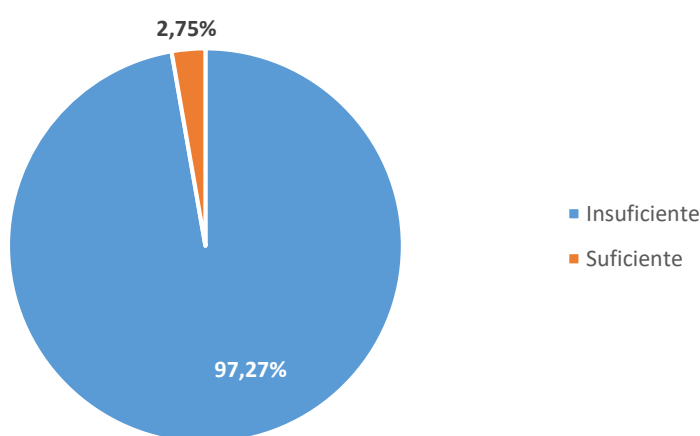


Gráfico 7 > Tempo previsto (em horas) na componente não letiva para o exercício da atividade docente.

Os que revelam precisar, semanalmente, de até mais uma hora não letiva para aquele efeito constituem um núcleo residual de cerca de 1%. Este número cresce progressivamente até ultrapassar os 63% que afirmam precisar de mais de 5 horas semanais (gráfico 8). Em suma, os professores despendem períodos de tempo muito significativos e não devidamente considerados com a preparação das atividades escolares (gráfico 8)

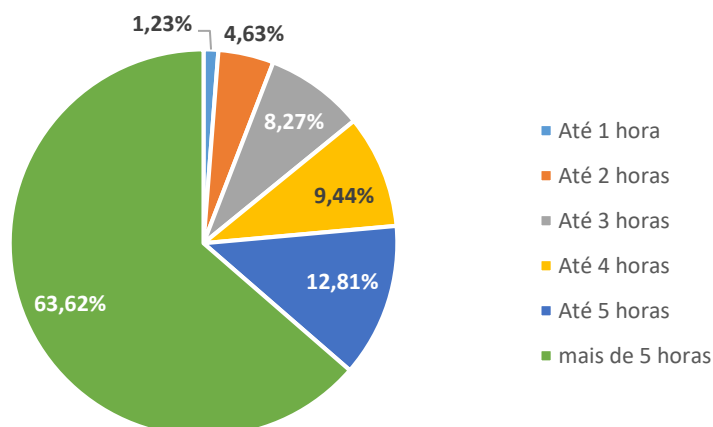


Gráfico 8 > Tempo adicional (em horas) necessário para o exercício da atividade docente.

4. Os recursos de que dispõem e quais os mais importantes

A atenção focou-se nas ferramentas de trabalho que estão ao dispor dos professores, procurando-se saber quais as que se revelam mais usadas ou relevantes para o exercício docente. E como ferramentas de trabalho considerou-se uma miríade de recursos educativos: manuais escolares, cadernos de atividades, Internet (sites, blogues, etc., sem considerar as versões digitais dos manuais escolares e respetivos recursos digitais associados), dicionários, literatura especializada (livros da respetiva área científica, artigos de revistas científicas, etc.), abrindo-se ainda espaço à identificação de outros recursos por eles utilizados.

Constata-se que os recursos mais utilizados pelos professores são o manual escolar, com uma expressiva diferença em relação aos restantes, a Internet e os cadernos de atividades (quadro 1).

	1 (pouco útil)	2	3	4	5 (muito útil)
Manuais escolares	1,35%	2,88%	11,18%	24,05%	60,54%
Cadernos de atividades	4,47%	7,56%	20,96%	31,02%	35,99%
Internet	1,83%	5,66%	17,43%	31,09%	43,99%
Dicionários	32,61%	19,63%	23,29%	15,71%	8,76%
Literatura especializada	10,37%	14,42%	29,13%	26,67%	19,41%

Quadro 1 > Recursos educativos mais utilizados pelos professores na preparação das aulas.

Se consideramos que os manuais escolares são complementados, em grande parte, por cadernos de atividades, formando, no seu conjunto, autênticos projetos editoriais escolares, o manual escolar vê, desta forma, a sua posição cimeira significativamente reforçada.

Os elementos do manual escolar que os professores consideram ser mais importantes para a preparação das suas aulas/elaboração de testes são, naturalmente, os conteúdos, isto é, a abordagem preconizada pelo manual escolar na tradução, de forma organizada e adequada, do respetivo programa da disciplina. Em contrapartida, os elementos dos manuais escolares menos valorizados são as grelhas de planificação, os guiões metodológicos (como elaborar trabalhos escritos, etc.) e ainda os guiões para exploração de vídeos/filmes (quadro 2).

	Nada importante	Pouco importante	Medianamente importante	Bastante importante	Muito importante
Banco de questões	2,40%	7,08%	26,83%	39,35%	24,34%
Conteúdos referentes às diferentes matérias	0,41%	1,35%	11,68%	46,84%	39,72%
Itens alternativos aos manuais, designadamente, esquemas-síntese de conteúdos, quadros-síntese, definições, imagens, etc.	0,83%	2,44%	14,49%	41,63%	40,61%
Grelhas de planificação	4,66%	13,16%	32,98%	32,18%	17,02%
Textos complementares	2,51%	7,19%	30,04%	40,37%	19,89%
Guiões para exploração de vídeos/filmes	3,99%	9,24%	26,47%	37,03%	23,27%
Guiões metodológicos (como elaborar trabalhos escritos, como fazer comentário a textos, etc.)	4,25%	10,09%	25,86%	34,66%	25,14%

Quadro 2 > Importância dos componentes dos manuais escolares na preparação das aulas.

A forma como o manual escolar hoje se apresenta aos professores facilita, em grande medida, a interação com os alunos, possibilitando a liberdade de os docentes explorarem caminhos complementares de ensino-aprendizagem, ou seja, **os manuais escolares assumem-se cada vez mais como um recurso que oferece estratégias diversificadas e orientadoras, que levam os alunos para lá das suas páginas**. Essa será uma razão pela qual, a par da qualidade dos conteúdos, os manuais escolares são também os materiais mais recomendados pelos professores aos alunos para a realização de trabalhos. Neste domínio, praticamente metade dos inquiridos assume que recomenda “sempre”, e mais de 1/3 fá-lo “muitas vezes”. Se a esta análise associarmos os cadernos de atividades, claramente se reforça a importância dos projetos editoriais escolares no processo de ensino-aprendizagem (quadro 3).

	Raras vezes	Regularmente	Muitas vezes	Sempre
Manuais escolares	4,01%	16,45%	35,27%	44,27%
Cadernos de atividades	11,37%	22,57%	37,47%	28,59%
Internet	16,84%	26,10%	40,74%	16,32%
Dicionários	42,46%	27,84%	20,46%	9,24%
Literatura especializada	34,90%	29,56%	24,82%	10,72%

Quadro 3 > Materiais recomendados aos alunos para a realização de trabalhos.

São muito poucos os aspetos de um manual escolar de que os professores prescindiriam. Testes de avaliação sumativa, exercícios com perguntas de escolha múltipla e fichas formativas são os itens do manual escolar mais valorizados; num segundo nível, mas ainda assim relevante para um número considerável de professores, estão os planos de aula, os materiais complementares e as atividades de extensão (como guias de viagem de estudo, etc.) e os exercícios com perguntas de sopa de letras/palavras cruzadas (quadro 4).

	Não prescinde	Prescinde
Perguntas “abertas”, com ou sem texto de suporte	84,75%	15,25%
Sínteses dos conteúdos lecionados	87,01%	12,94%
Materiais complementares (p. e., antologia de textos) e atividades de extensão (p. e., guiões de filmes ou de visitas de estudo)	56,34%	43,66%
Programa da disciplina	76,60%	23,40%
Planificação anual (e/ou longo/médio prazo)	79,37%	20,63%
Planos de aula	62,94%	37,06%
Testes de avaliação diagnóstica	85,32%	14,68%
Testes de avaliação sumativa	93,27%	6,72%
Propostas de resolução de todas as perguntas/exercícios	82,96%	17,04%
Sugestões de exploração de apresentações em PowerPoint, imagens, etc.	78,04%	21,96%
Perguntas de completamento de espaços	74,67%	25,34%
Perguntas de correspondência/ordenação	86,58%	13,42%
Perguntas de V (verdadeiro)/F (falso)	90,24%	9,76%

Perguntas de escolha múltipla	94,92%	5,08%
Perguntas de sopa de letras/palavras cruzadas	38,19%	61,81%
Outro tipo de perguntas/exercícios	78,89%	21,11%
Fichas formativas	93,62%	6,38%
Guiões metodológicos (como elaborar trabalhos escritos, como fazer comentário a textos, etc.)	65,40%	34,60%

Quadro 4 > Itens do manual escolar passíveis de serem dispensados.

Os manuais escolares são recursos utilizados com muitíssima frequência nas aulas, conforme o declaram cerca de 97% dos professores: mais de 54% dos professores afirmam fazê-lo “sempre”, cerca de 30% “quase sempre” e quase 13% “regularmente” (gráfico 9).

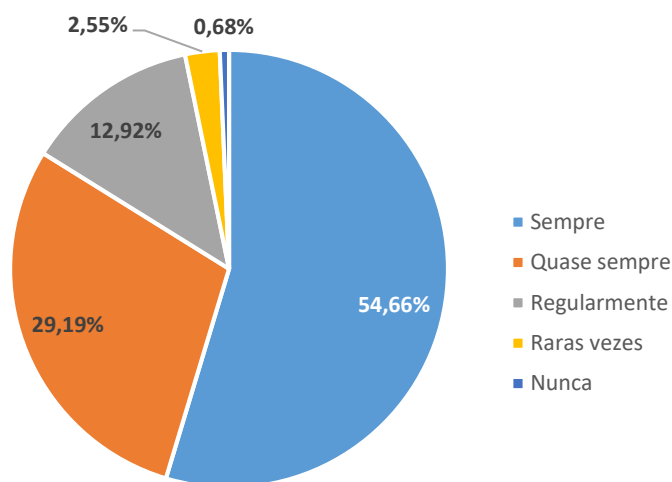


Gráfico 9 > Frequência de utilização do manual escolar em contexto de sala de aula.

Para efeito de estudo para os testes de avaliação sumativa, os manuais escolares figuram, de novo, como um recurso muito sugerido pelos professores: 73% recomendam-no “sempre”, cerca de 17% “quase sempre” e só 0,63% “nunca” o faz (gráfico 10).

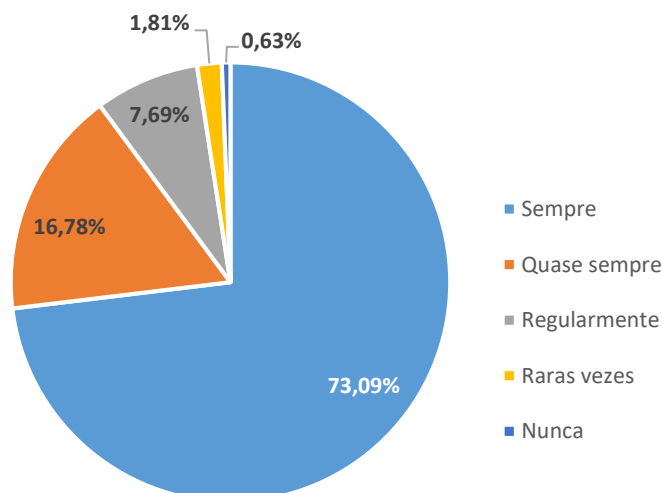


Gráfico 10 > Recomendação da utilização do manual escolar na preparação para os testes de avaliação.

A confirmar o que já se constatou anteriormente, as designadas atividades de extensão propostas pelos manuais escolares assumem grande relevo para os professores nas suas planificações: 81,54% dos entrevistados recorre regularmente, quase sempre ou mesmo sempre às sugestões que se encontram nos manuais (gráfico 11).

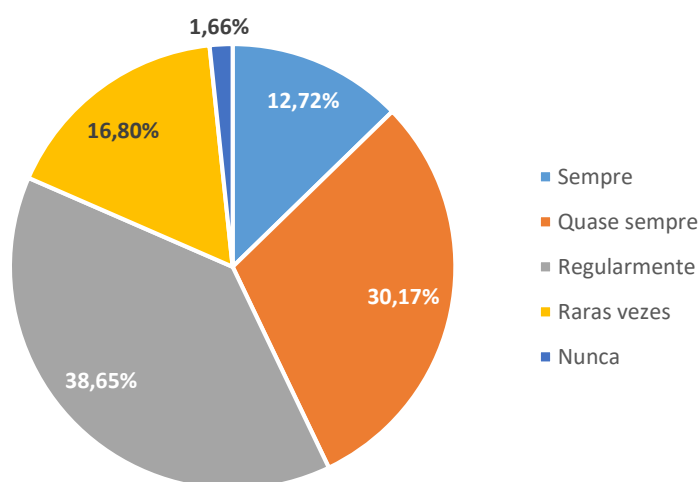


Gráfico 11 > Recurso às atividades de extensão na preparação das planificações das aulas.

A razão pela qual as sugestões de atividades de extensão são tão valorizadas pelos docentes dever-se-á, por certo, à sua adequação em relação aos objetivos definidos – de facto, cerca de 93% dos professores encaram-nas como adequadas ou muito adequadas (gráfico 12).

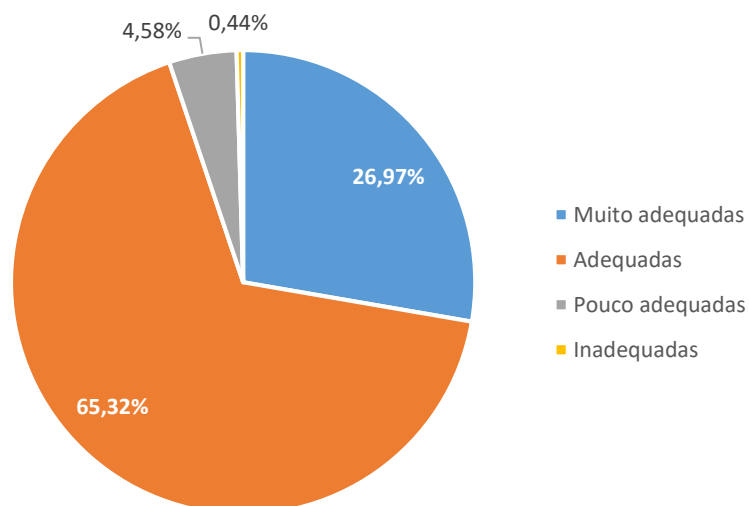


Gráfico 12 > Adequação das atividades de extensão.

Na elaboração das suas planificações, cerca de 60% dos professores recorrem ao manual escolar em “todas as unidades didáticas” e aproximadamente 32% na maioria das unidades didáticas. No item intermédio, “algumas unidades didáticas”, ficam cerca de 5% das respostas, o que significa que, entre “todas” e a “maioria”, **mais de 92% dos professores recorrem sistematicamente aos manuais** na elaboração das suas planificações. Os professores que nunca

recorrem ao manual escolar, ou só a ele recorrem numa minoria das unidades didáticas, representam uma percentagem residual de 1,90% (gráfico 13).

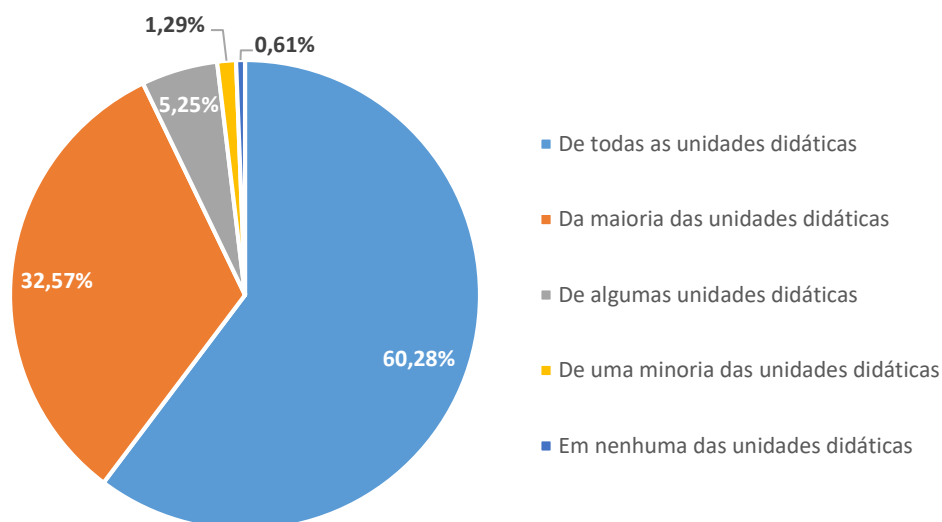


Gráfico 13 > Utilização do manual escolar na elaboração das planificações.

Entretanto, o manual escolar é o recurso que acompanha regularmente o professor, seja em papel e/ou em versão digital: na verdade, cerca de 95% dos professores fazem-se acompanhar “sempre” ou “quase sempre” do manual escolar nas suas aulas (gráfico 14).

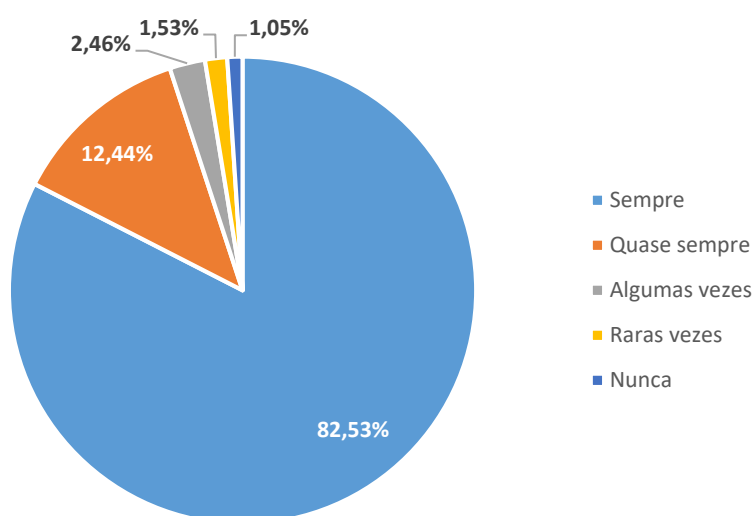


Gráfico 14 > Utilização do manual escolar como apoio permanente do professor.

5. Conclusões

Conforme se enunciou no ponto 1 deste documento, quis-se com o presente estudo identificar as exigências e as dificuldades que os professores têm de enfrentar no seu quotidiano, precisando – e eventualmente corrigindo – a perceção que determina a opinião pública e publicada. Pelos elementos reunidos, e pela sustentabilidade que apresentam, acreditamos que esse objetivo estará plenamente atingido.

O mesmo se pode afirmar em relação à contextualização da importância que determinados recursos educativos representam para a atividade docente, em concreto, conforme se verificou, sobretudo o manual escolar.

Olhando com rigor para o que o manual escolar do século XXI disponibiliza em termos de apoio aos professores, identifica-se claramente uma relação que beneficia em muito a atividade docente, fora e dentro da sala de aula, libertando assim o professor para experimentar e desenvolver métodos e estratégias de abordagens diversificadas nas suas aulas, de que naturalmente beneficiam os próprios alunos.

Deste modo, e de forma sistematizada, apresentam-se as seguintes conclusões finais:

- a) O tempo despendido pelos professores para a preparação da sua atividade letiva é muito superior ao que está legalmente instituído para essa e outras tarefas conexas.
- b) O manual escolar, certamente pela sistematização que faz do currículo e por conglomerar num só recurso o que está disperso noutras fontes, é o recurso educativo por excelência mobilizado pelo professor.
- c) Os professores requerem o manual escolar para a sua atividade letiva, sugerem-no para o estudo do estudante e, relativamente às tarefas para as quais afirmam precisar de mais tempo (preparação de aulas e elaboração de enunciados de testes), consideram-no como o recurso que mais os pode ajudar.
- d) Daí os professores afirmarem que, além da componente relativa aos conteúdos, aquilo de que não prescindiriam nos manuais escolares serem precisamente os testes de avaliação sumativa – uma tarefa de tão grande importância na atividade letiva –, as fichas formativas e os exercícios de escolha múltipla.
- e) Refira-se que cerca de 97% dos professores utiliza sempre, quase sempre ou regularmente os manuais escolares nas suas aulas (apenas 1% nunca os utiliza), 92% recorre a eles no desenho da planificação de todas ou da maioria das unidades didáticas e, mais expressivamente ainda, cerca de 95% levam-no mesmo sempre ou quase sempre para as suas aulas (apenas cerca de 1% nunca o fazem). Acresce que este último grupo poderá corresponder, com elevado grau de probabilidade, aos professores de disciplinas sem manual adotado que também responderam a este inquérito.
- f) Constituindo um apoio decisivo para a atividade dos professores, o manual escolar, ao favorecer a interação com os alunos, aprofunda e fomenta a liberdade de os docentes explorarem caminhos complementares de ensino-aprendizagem.

- g)** Depreende-se, com segurança, que os professores de disciplinas com manuais adotados os utilizam intensivamente. E consideram-nos não apenas para a preparação das suas atividades letivas, como os recomendam aos alunos (cerca de 90%) para efeitos de estudo, nomeadamente com vista aos testes de avaliação sumativa (apenas menos de 1% nunca o fazem).

- h)** Face à falta de tempo que os professores afirmam ter para a preparação da sua atividade letiva (dizem-no uns expressivos mais de 97%), o contributo dos manuais escolares revela-se perentoriamente como sendo imprescindível e extremamente valorizado.